

BC alerta que PEC dos combustíveis alimentara inflação

# Em ‘ata de recados’, BC alerta para efeitos inflacionários de PECs

Copom indica que juros devem subir além de 12% e que podem começar a cair só em 2023

Eduardo Cuelco e Nathalia Garcia

**SÃO PAULO E BRASÍLIA** As propostas para reduzir a tributação de combustíveis no ano eleitoral podem ter efeito negativo sobre a taxa de câmbio, levando a uma inflação mais alta e, consequentemente, à necessidade de uma taxa básica de juros ainda mais elevada.

A avaliação, que já era praticamente consenso no mercado e no Congresso, mas que em 11 de fevereiro, mesmo que em magnitude inferior ao 1,5 ponto percentual da semana passada.

Na ata do Copom (Comitê de Política Monetária), documento em que explica a decisão da semana passada de elevar os juros para 10,75% ao ano, a instituição não cita as propostas que estão em discussão no governo e no Congresso, mas afirma que “mesmo políticas fiscais que tenham efeitos baixistas sobre a inflação a curto prazo podem causar deterioração nos prêmios de risco” e levar ao “aumento das expectativas de inflação e, consequentemente, um efeito alista na inflação prospectiva”.

Em um momento em que muitos analistas temem que o presidente Jair Bolsonaro (PL) tome novas medidas para aumentar os gastos para tentar a reeleição, o BC afirma que políticas fiscais que impliquem impulso adicional da demanda podem impactar negativamente preços de ativos importantes —leia-se, o dólar.

No Congresso, há pelo menos duas propostas para mudar a Constituição e permitir o corte de tributos sobre combustíveis. A medida tem alto impacto fiscal, e seu efeito sobre os preços ao consumidor é incerto.

A “ata de recados”, como foi classificada por alguns analistas, também trouxe uma mensagem mais dura sobre os próximos passos do Copom. A instituição indicou que vê a necessidade de subir os juros além dos 12% projetados pelo mercado a partir de maio e que a taxa pode demorar mais a cair —talvez só em 2023.

O BC também sinalizou que ainda haverá pelo menos duas altas de juros, mesmo que em magnitude inferior ao 1,5 ponto percentual da semana passada.

“O ciclo de aperto monetário

**Bolsa fecha perto da estabilidade com mercado atento ao quadro fiscal**

Após oscilar durante boa parte do dia perto da estabilidade, a Bolsa esta terça-feira (8) em leve alta, acompanhando o movimento das ações nos EUA. O Ibovespa avançou 0,21%, aos 112.234 pontos, com os investidores atentos à PEC dos Combustíveis e o risco de deterioração do quadro fiscal. Nos EUA, o dia foi de valorização destacada para as principais ações nas Bolsas, em especial de tecnologia. O S&P 500 terminou o pregão em alta de 0,84%, enquanto o Nasdaq avançou 1,28%, e o Dow Jones teve ganhos de 1,06%. Já o dólar, que na véspera fechara no menor nível em quase cinco meses, teve uma leve alta de 0,15%, para R\$ 5,26.

rio deverá ser mais contractionista do que o utilizado no cenário de referência”, disse o Copom ao citar as previsões do mercado para os juros na pesquisa Focus, usadas como referência nas projeções de inflação do BC.

A autoridade monetária também reforçou a preocupação com as expectativas para o IPCA (índice de preços ao consumidor). Nas últimas semanas, as projeções de inflação para 2022 e 2023 têm subido. Para este ano, já é previsto um novo estouro da meta. Para o próximo, a projeção está ligeiramente acima do objetivo central de 3,50%.

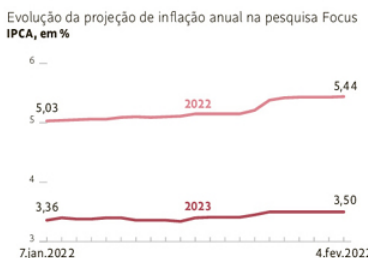
Para alguns economistas, os dados de atividade e mercado de trabalho mais fracos podem mudar o plano de voo do Copom, desde que questões eleitorais e medidas populistas não revertam a tendência de valorização do real das últimas semanas.

“O melhor comentário da ata é o destaque para medidas e políticas fiscais que poderiam ter uma boa intenção de curto prazo de reduzir a inflação, mas que têm um custo muito elevado. Isso vai trazer mais juros e mais inflação lá na frente. É um custo fiscal muito alto para uma medida de baixo retorno para a sociedade”, diz Rafaela Vitoria, economista-chefe do banco Inter.

Ela afirma discordar da avaliação do BC e de grande parte do mercado de que é necessário levar os juros para mais de 12% para segurar a inflação, pois grande parte do aumento da Selic realizado desde março do ano passado ainda não foi sentida na economia real.

“Vamos chegar a uma Selic maior que o necessário, e is-

**Mercado vê juros maiores em relação à projeção anterior, e BC diz que aperto pode ser ainda mais forte**



Fonte: Pesquisa Focus/Banco Central



O melhor comentário da ata é o destaque para medidas e políticas fiscais que poderiam ter uma boa intenção de curto prazo de reduzir a inflação, mas que têm um custo muito elevado. Isso vai trazer mais juros e mais inflação lá na frente

Rafaela Vitoria, economista-chefe do banco Inter

so pode levar ao início da discussão de queda de juros mais breve do que a curva precifica. A gente vai começar a sentir esse impacto da política monetária nos próximos dados, mercado de trabalho mais fraco, indústria negativa, varejo com dificuldade.”

Segundo Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, o discurso mais rígido “coloca um viés inequívoco de alta para a taxa Selic terminal”, projetada pela instituição, até então, em 11,75%. Ele também destaca a preocupação do BC com medidas de impacto fiscal para frear a inflação.

“O Banco Central parece reconhecer o potencial impacto negativo de iniciativas relacionadas a isenções fiscais, como as relativas aos preços dos combustíveis que vêm sendo discutidas nas últimas semanas”, disse o economista-chefe da XP Investimentos.

O Bank of America também recalculou suas projeções para as próximas reuniões. O banco elevou sua expectativa para a Selic até maio deste ano para 12,25%, prevendo uma alta de 1 ponto percentual em março e 0,5 ponto percentual no encontro seguinte. A estimativa anterior da instituição era de 11,25%. O Itaú Unibanco revisou a projeção de juros para 12,5% ao ano.

Luis Otávio de Souza Leal, economista-chefe do Banco Alfa, afirma que, embora o BC tenha indicado que os juros terão que subir para mais de 12%, mantém a avaliação de que a instituição pode rever a ideia de continuar o processo de elevação dos juros quando chegar à reunião do Copom de maio, devido aos dados de atividade do primeiro trimestre mais fracos que o esperado.

“Obviamente que a questão política pode fazer com que a nossa suposição não se verifique. Como o BC deixou claro, se a PEC dos Combustíveis ou outras medidas de impacto duradouro sobre a política fiscal e temporário sobre inflação prosperarem, voltaremos ao cenário básico indicado na ata”, afirmou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 12